

Faltam luz e motivação no canto dos chorões

○ Clube do Choro reclama de abandono "geral e irrestrito". O Detur deixou de bancar a vinda de nomes de primeira grandeza como os gaúchos Plauto Cruz e Jessé Silva, o paulista Carlos Poyares, os cariocas Déo Rian, Luciana, Maria Mariá, Ademilde Fonseca; os pernambucanos Rossini Ferreira, Marcos César e João Lira; os cearenses Zivaldo e Macaúba; o paraibano Nivaldo de Acordeon e o baiano Osmar Macedo e sua inseparável guitarra baiana. Ao todo o Clube do Choro recebeu, nos dois últimos anos, 21 convidados, vindos de Nordeste, Sudeste e Sul.

Outro órgão que nunca se preocupou com o Clube do Choro é a Secretaria de Viação e Obras. Se se preocupasse, teria providenciado para o local marca de ambiente freqüentável. O Clube sobrevive em seu Bar dos Chorões, por pura teimosia. Lá, a escuridão compõe o ambiente externo. Ao lado do bar, dorme um magnífico teatro de arena, ao que tudo indica, nunca utilizado.

A parte superior da exótica construção de Sérgio Bernardes teria excelente uso nas noites quentes do verão. Usá-la, po-

rém, quem há de pensar? Se Paris é a cidade-luz, Brasília é a cidade das trevas. Engana-se quem pensa que aqui há fartura de luzes. Entre a Funarte e o Centro de Convenções a escuridão tem sua morada. No Setor de Rádio e TV Sul (onde tiraram a vida de Mário Eugênio) as luzes são poucas. Na Universidade de Brasília, as noites são muito escuras. Os postes de luz podem ser contados nos dedos.

Chegar ao Bar dos Chorões é uma charada. O Centro de Convenções há muito promete tornar-se opção para congressos nacionais e internacionais. Enquanto isto, não consegue investir no Bar do Clube dos Choro, a ponto de transformá-lo numa real atração turística. Centro de lazer dedicado a gênero musical, com dimensões minúsculas como a do Bar dos Chorões, jamais será auto-suficiente. Por isto, o Estado deve dar apoio. Em troca, receberá retorno turístico. Um visitante que gostar de uma noite no Bar dos Chorões, o recomendará a outros. E é disso que Brasília precisa: pontos de referência. Até hoje, ela só tem o Beirute. Cidades sem espaços de intensa convivência humana

não despertam interesse em turistas.

Francisco de Assis lembra que "o Detur deu uma boa ajuda ao Clube, logo que ele se alojou no Centro de Convenções". Depois o apoio foi diminuindo. "Ao invés de entidades como a Fundação Cultural do DF e a Funarte, nossa vizinha, se agregarem a nós, para fortalecer o Choro, nos vimos, cada vez mais abandonados".

Six comenta: "Se a Funarte promovesse a ida de artistas que traz para apresentações na cidade, ao nosso Clube, nos daria uma grande força. O mesmo vale para a Fundação Cultural, que promove muitos espetáculos em seus teatros. Sem ajuda dos organismos oficiais, fica difícil manter o clube".

Mas o presidente sabe que há outros motivos para que o clube não seja um centro de convivência com força semelhante à do Bar Beirute, por exemplo. Ele enumera algumas destas razões: "Sabemos que o sistema de refrigeração da casa deixa a desejar. E tem mais, se nossa cozinha fizer uma fritura, inunda o ambiente de calor e cheiro de gordura. Por isto, nos restringimos a servir tira-gostos

frios, como salaminho, azeitona e queijos. Só na madrugada servimos uma canja quente. Sabemos, também, que a sinalização precária dificulta o acesso à nossa sede e a falta de iluminação exterior ajuda a agravar este quadro. A estes dados de natureza física, soma-se a insensibilidade dos organismos culturais, que não nos ajudam a enriquecer nossa programação. Se Paulinho da Viola fizer um show no Teatro Nacional e der uma canja no Bar dos Chorões, muita gente descobrirá nosso caminho.

Outra alternativa, para Six, deve vir dos melos de comunicação de massa. Se a imprensa, a televisão e o rádio nos ajudarem, nossa casa estará sempre lotada. Não temos, porém, espaço nestes veículos. O único programa que dá a maior força para a música brasileira genuína, é o **Sambachoro**, que o Reco do Bandalim produz na Nacional-FM, aos domingos.

Feita ressalva, Six conta um fato que o deixa furioso. "Pois não é que dia destes, um dos dirigentes da Radiobrás estava num bar e recebeu de uma pessoa comentário sobre o progra-

ma **Sambachoro**, que dizia: Veja o tipo de musica que toca a sua emissora. Ninguém ouve, ninguém gosta. O tal dirigente queria até tirar o programa do ar".

No mais, o Clube precisa de público. Sem público, tudo cai por água abaixo. O Chorão toca triste, desmotivado. Quando a casa está cheia, o astral sobe. Fica uma beleza. O clube precisa também, de dinheiro. Sem dinheiro, como trazer a Brasília atrações do choro como Ademilde Fonseca, Plauto Cruz, Paulinho da Viola, Noites Cariocas, Déo Rian, Cachimbinho, Canhoto da Paraíba.

"Se eu trouxer a Ademilde Fonseca a Brasília, diz o presidente do clube, só oferecendo passagem e hospedagem, ela aceita uma vez. Da segunda, quer um cachê, com toda justiça. Afinal, ela vive de seu trabalho como cantora". E Francisco de Assis garante que fez isto com muitos artistas. Eles vieram sem cachê. "Agora, acrescenta, não tenho mais coragem de convidá-los. Amor pelo choro, todos têm, mas precisam pensar na sobrevivência".